



# 4

## *Para Além das Antinomias: A Sociologia da Mundialização de Renato Ortiz* *Beyond Antinomies: Renato Ortiz's Sociology of Globalization*

Miqueli Michetti\*\*

\* Recebido em: 01.12.2018.  
Aprovado em: 15.01.2019.

\*\* Professora do Departamento de Ciências Sociais do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba (DCS - CCHLA - UFPB) e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPB. Renato Ortiz foi seu orientador de doutorado na Unicamp entre 2007 e 2012. Email: [miquelimichetti@gmail.com](mailto:miquelimichetti@gmail.com).

**Resumo:** o artigo analisa alguns dos temas centrais dos trabalhos de Renato Ortiz sobre o tema da globalização, com foco nas relações entre cultura e mundialização. Após discutir o ambiente teórico diante do qual o autor estabelece suas reflexões e a postura epistemológica que adota, o texto se volta à sua compreensão original da problemática das relações entre cultura e economia no mundo contemporâneo. Na sequência, delinea-se uma linha de continuidade entre seus trabalhos sobre identidade nacional e seus estudos sobre o que denomina de modernidade-mundo, para destacar a particularidade de suas elaborações sobre as questões da identidade e da diversidade cultural. Ao final, são sublinhadas algumas das principais contribuições legadas pelo autor, a saber, a atenção à questão do poder, a complexidade necessária ao empreendimento crítico, o pensamento relacional, a superação do culturalismo e a apurada compreensão sociológica do presente histórico.

**Palavras-chave:** globalização e mundialização, cultura, identidade, diversidade, Renato Ortiz

**Abstract:** the article analyzes some of the central themes of Renato Ortiz 's work on globalization, focusing on the relationship between culture and mundialization. After discussing the theoretical environment in which the author establishes his reflections and the epistemological stance that he adopts, the text explores his original understanding of the relations between culture and economy in the contemporary world. Then, the paper indicates a line of continuity between his works on national identity and his studies on what he calls world-modernity, highlighting the particularity of his elaborations on the issues of identity and cultural diversity. The closing session of the article emphasizes some of author's main contributions, namely the attention to the issues of power, the necessary complexity of a critical enterprise, the relational thinking, the overcoming of culturalism and the accurate sociological understanding of the historical present.

**Keywords:** globalization and mundialization, culture, identity, diversity, Renato Ortiz



Baseado em comunicação apresentada na mesa sobre globalização do “Colóquio Renato Ortiz”, realizado em 2017 em homenagem aos 70 anos do autor, esse artigo analisa alguns dos temas centrais de seus trabalhos sobre cultura e mundialização. A partir de revisão bibliográfica e de informações recolhidas ao longo de anos de proximidade com o autor, discute-se o ambiente teórico diante do qual ele estabelece suas reflexões e a singular postura epistemológica que adota. O texto se debruça então sobre compreensão original de Ortiz sobre as relações entre cultura e economia no mundo contemporâneo. Na sequência, delinea-se uma linha de continuidade entre seus trabalhos sobre identidade nacional e seus estudos sobre o que denomina modernidade-mundo, para destacar a acuidade de suas elaborações sobre as questões da identidade e da diversidade cultural. Como fechamento, sublinhamos algumas das principais contribuições legadas por ele, que se dão a ver tanto em seus trabalhos em andamento como na obra de autoras e autores influenciados por ele. Especial destaque é conferido à atenção constante de Ortiz à questão do poder, à complexidade de seu empreendimento crítico, à insistência no pensamento relacional, à superação do relativismo culturalista e à apurada compreensão sociológica do presente histórico.

### **Ambiente teórico e postura epistemológica**

Renato Ortiz publica *Mundialização e Cultura* em 1994. Octavio Ianni havia publicado *A sociedade global* em 1992. Nas páginas iniciais de ambas as obras, os então professores de Sociologia da Universidade Estadual de Campinas se agradecem mutuamente. Os amigos também agradecem a outros colegas, como Milton Santos, que, na última década do século XX, inauguravam uma problemática nas Ciências Sociais feitas no Brasil. A concisão e abrangência dos títulos são sintomáticas desse caráter inaugural do tema da globalização entre nós.

O fato de terem se debruçado sobre a questão da nação e da identidade nacional brasileira nas décadas anteriores parece ter dotado Ianni e Ortiz de uma posição privilegiada a partir da qual percebem as novidades e as permanências implicadas na “situação” de globalização. Por exemplo, pensar a formação nacional a partir da periferia da modernidade ou do capitalismo conferiu a eles uma perspicaz desconfiança ante a ideia de pós-modernidade. Afinal, a modernidade aqui foi forjada às avessas, como Ortiz nos dá a ver desde *A morte branca do feiticeiro negro* e, mais centralmente, em *Cultura brasileira e identidade nacional* e em *A moderna tradição brasileira*. Isso parece ter ocorrido também, em especial no que tange à dimensão da cultura, com Néstor Garcia-Canclini (2003) e Jesús Martín-Barbero (1997), autores latino-americanos com os quais Ortiz estabelece interlocução próxima.



<sup>1</sup> Embora tenha sido pioneiro em tentar introduzir a obra de Franz Fanon no Brasil (em conversa com o autor

Ao mesmo tempo, a postura metodológica de Ortiz busca ultrapassar o que se coloca quase como uma injunção epistemológica:

[...] minha “perspectiva foi a inversa daquela utilizada pelos antropólogos clássicos. O método da observação participante pressupunha uma aproximação daquilo que se pretendia compreender. Eu procurei tornar o próximo, distante, para dessa forma apreendê-lo de maneira analítica. Escrevi esse livro como um nativo. Alguém, como o leitor, que se encontra perpassado por uma vivência mundializada. (1994, p.8-9).

Trata-se de uma espécie de nativo também às avessas, que pretende fugir de uma apreensão “singular” sobre o processo analisado, para, nesse movimento, alcançar *também* uma apreensão singular privilegiada:

Procurei situar-me no âmago do processo na sua inteireza. Fiz todo um esforço para deterritorializar-me, inclusive, minha escrita. Nesse sentido, não falo como brasileiro ou latino-americano, embora saiba que no fundo é impossível, e indesejável, liberar-me totalmente desta condição. Mas como cidadão mundial. Alguém que, situando-se num determinado lugar do planeta, resolveu enxergá-lo de todos os pontos (mesmo tendo consciência de que meu esforço é limitado). Não quero com isso desvalorizar uma visão territorializada. Mas creio, a reflexão deve alçar voo, desprendendo o pensamento do peso de nossa herança intelectual. Talvez dessa forma possamos compreender a problemática nacional com outros olhos. É sintomático que esta realidade nacional inicialmente se apresenta como um entrave na compreensão de uma cultura mundializada, subjaz às minhas intenções. Metamorfoseada, é claro, mas

presente. Se as transformações recentes nos levam a afirmar a existência de uma sociedade global, isto significa que a problemática nacional adquire outro sentido. Só iremos entendê-la quando a situamos dentro dessa nova totalidade. Descrever esse movimento, pensa-lo em sua integridade, esta foi a minha tentativa”. (1994, p.9).

É animado por uma crítica à divisão mundial do trabalho intelectual que ele “ousa” pensar o mundo - o mundo ou o Japão no mundo, como no provocativo livro *O próximo e o distante: Japão e modernidade-mundo*, de 2000. Essa perspectiva crítica à distribuição desigual das tarefas intelectuais ficaria cristalina no livro *A diversidade de sotaques: o inglês e as ciências sociais* (2008), fazendo-se presente também em *Universalismo e Diversidade: contradições da modernidade-mundo* (2015).

Portanto, sua análise da modernidade-mundo não será desenvolvida a partir da crítica pós-colonial ou descolonial<sup>1</sup>, lugar ao qual é normativamente remetida com alguma frequência. Enquanto a reflexão nas periferias navegava pela crítica pós-colonial à modernidade, o eixo norte-atlântico discutia então o que se chamava de “pós-modernidade”. As mudanças pelas quais passava o capitalismo desde a década de 1970 ensejavam interpretações que apostavam em prefixos como “pós” e “neo”. As noções de fim ou começo de “eras” davam a ver que tais transformações eram pensadas a partir da ideia de *ruptura*.

Ortiz buscará datar as discussões sobre a pós-modernidade. Elas seriam um “sintoma”, um diagnóstico sobre o presente que,



embora equivocado, conteria uma verdade, já que levava a sério o fato de que o mundo passava por uma mudança substancial, apostando mesmo em uma superação da modernidade. Já a crítica marxista, salvo raras exceções, garantia que não havia nada de verdadeiramente novo no front, dada a permanência do capitalismo. Assim, ela remetia as discussões sobre globalização à esfera da *ideologia*, interpretação refutada por Ortiz nos seguintes termos:

A mundialização da cultura não é uma falsa consciência, uma ideologia imposta de forma exógena. Ela corresponde a um processo real, transformador do sentido das sociedades contemporâneas. Os objetos que nos circundam – utensílios, máquinas, arquitetura – são manifestações desta mundialidade. Eles encerram a sua ‘verdade’, exprimindo-a na sua cotidianidade, na sua rotina” (1999, p.20).

Distanciando-se dessas vertentes teóricas, Ortiz afirma que estaríamos em face da mundialização desigual da modernidade, de uma *modernidade-mundo*, termo ubíquo em suas obras a partir de então. Essa posição teórica coloca o autor no seio do candente e aparentemente inesgotável debate teórico-político sobre o *caráter da modernidade* (Eisenstadt, Habermas, Giddens, Beck, Whimster, Schwinn, Connell, Grosfoguel e assim por diante...). Para Ortiz, “A modernidade não é apenas um modo de ser, expressão cultural que traduz e se enraíza numa organização social específica. Ela é *também* ideologia. Conjunto de valores que hierarquizam os indivíduos, ocultando as diferenças-desigualdades de uma

modernidade que se quer global” (1994, p.215, itálico adicionado). É com isso em mente que ele sustenta que a modernidade-mundo não é nem fim, nem começo, mas implica um rearranjo das relações sociais que traria continuidades e superações. À análise caberia qualificar esse *processo* e essa nova *situação*.

A noção de situação traz a metáfora espacial ao centro da reflexão, algo que não é sem consequências, especialmente se considerarmos a primazia que a área da geografia galgou na compreensão do processo de globalização, o que pode ser observado em autores tão distintos como Milton Santos (1994) e Saskia Sassen (1991), por exemplo. A globalização faz com que as coisas se situem de outro modo, isto é, sejam re-situadas ou re-posicionadas. A perspectiva relacional - tributária de Bourdieu, mas também de camadas anteriores de formação antropológica comum, como a influência de Roger Bastide (ORTIZ, 2010) - permitiria a Ortiz captar um *rearranjo* das relações sociais em âmbito mundial. A modernidade-mundo seria uma “totalidade” que instauraria “um outro território”, como o capta o título de seu livro de 1999. Ainda em *Mundialização e Cultura*, ele afirma que:

A mundialidade é parte do presente das sociedades que nos habituamos a chamar de ‘periféricas’, ela encontra-se ‘dentro’ de nós. Uma cultura mundializada deixa raízes em ‘todos’ os lugares, malgrado o grau de desenvolvimento dos países em questão. Sua totalidade transpassa os diversos espaços, embora, como vimos, de maneira desigual”. (1994, p.219).

E acrescenta:



Apesar do desenvolvimento espetacular das tecnologias, não devemos imaginar que vivemos em um mundo sem fronteiras, como se o espaço estivesse definitivamente superado pela velocidade do tempo. Seria mais correto dizer que a modernidade, ao romper com a geografia tradicional, cria novos limites. Se a diferença entre o “Primeiro” e o “Terceiro” mundo é diluída, outras surgem no seu interior, agrupando ou excluindo as pessoas. [...] Nossa contemporaneidade faz do próximo o distante, separando-nos daquilo que nos cerca, ao nos avizinhar de lugares remotos. Neste caso, não seria o outro, aquilo que o ‘nós’ gostaria de excluir? (1994, p.220).

A ideia é que, na modernidade-mundo, os diferentes lugares, as várias escalas e tipos de relações sociais são “atravessados” por dinâmicas globais, diante das quais tudo isso se reposiciona. A noção de situação permite elaborar um argumento complexo: não é que as coisas se transformem “essencialmente” ou simplesmente deixem de existir; antes, elas são re-situadas relacionalmente, sua posição se transforma. Cunhada em termos relacionais, essa reflexão permite pensar simultaneamente permanências, mudanças e atualizações, sem necessariamente passar pela ideia de “perda da essência”, como veremos mais adiante, mas também sem negligenciar a dimensão do poder que atravessa as transformações.

Com as noções de totalidade, processo e situação, ele se opõe à ideia de *sistema*, mobilizada por autores como Immanuel Wallerstein e Niklas Luhmann. Sua crítica é colocada nos seguintes termos:

No fundo, uma sociedade de sistema prescinde do indivíduo, ela se realiza independentemente de sua

existência. O ponto de vista de Wallerstein, assim como o de Luhmann, reedita os inconvenientes das premissas do objetivismo sociológico característico das teorias durkheimiana e estruturalista. [...] A ação social dificilmente pode ser pensada dentro deste quadro teórico, pois aquele que a executa em um papel passivo no processo de interação social. Enfim, o destino de todos estaria determinado (e não apenas contido) na estrutura planetária que nos envolve (1994, p.25).

Ao invés de um “sistema” que se produz e reproduz sem agentes, Ortiz atenta aos condicionantes do processo de globalização, mas também joga luzes sobre os “artífices mundiais da cultura”. A noção de *artífice* é conveniente porque pressupõe agência sem pressupor voluntarismo. Essa combinação analítica perscruta transformações e continuidades de uma nova situação mais ampla e, ao mesmo tempo, atenta aos artífices privilegiados dos fenômenos estudados, mostrando-se bastante prolífica nos trabalhos do autor e também das gerações de pesquisadores influenciadas por ele.

### **Globalização e mundialização: das relações entre cultura e economia**

A crítica à perspectiva sistêmica nos dirige a outro aspecto central dos estudos de Ortiz sobre globalização: a sua elaboração acerca do sempre relevante debate acerca das relações entre cultura



<sup>2</sup> Nota de aula, 2008.

e economia. Para o autor, a premissa do mundo como sistema pressupõe um alto grau de integração, pois o funcionamento de um sistema requer que o movimento de cada uma de suas partes seja coordenado unicamente pelo conjunto. No entanto, seria inconveniente pensar a “problemática cultural” nessa chave, pois isso implica em colocar a cultura como a “esfera ideológica” do *world system*, como elemento que concorre para assegurar “a manutenção de uma ordem que se impõe por si própria, e a sua revelia” (1994, p.26).

As críticas à perspectiva sistêmica são construídas por Ortiz no bojo do argumento que busca diferenciar dinâmicas econômicas e culturais. Para ele, nas análises de “inclinação economicista”,

[...] a história do sistema mundial se confunde inteiramente com a evolução do capitalismo. Como a base econômica constitui a unidade privilegiada da análise, as manifestações políticas e culturais surgem como seu reflexo imediato [...]. A sociedade seria formada de uma infra-estrutura econômica e de uma superestrutura ideológica. O material do ‘pisso’ compreenderia e determinaria a parte ‘superior’ dessa construção arquitetônica. O esquema explicativo induz necessariamente ao reducionismo (1994, p.22).

Enquanto a “economia global” é referida como “estrutura única, subjacente a toda e qualquer economia”, ele considera que “a esfera cultural não pode ser considerada da mesma maneira. Uma cultura mundializada não implica o aniquilamento das outras manifestações culturais. Ela cohabita e se alimenta delas”. (1994, p.27).

Ao passo que Giddens alerta para tal reducionismo no que diz respeito às análises da esfera política, Ortiz pondera que as precauções antirreducionistas deveriam “ser redobradas com respeito ao universo cultural”. A interação desse universo com a dimensão econômica “é evidente, e não poderia em absoluto ser negada, no entanto, as relações que se estabelecem estão longe de se acomodar a qualquer tipo de ‘determinação em última instância’” (1994, p.23). Diante disso, defende que “a correlação entre cultura e economia não se faz de maneira imediata. Isso significa que a história cultural das sociedades capitalistas não se confunde com as estruturas permanentes do capitalismo”. (1994, p.24).

Por conseguinte, o autor reserva um termo para falar de economia e tecnologia e outro para se referir à realidade simbólica, ao reino da cultura. Trata-se do binômio globalização/mundialização (1994, p. 29; 1999, p. 24; 2006b, p. 2-3). Com ele, o autor destaca que a cultura tem dinâmicas próprias de mundialização, que são relacionadas, mas não se confundem com as dinâmicas econômicas. Sustentar que *relação* não é sinônimo de *determinação* é algo importante na seara dos estudos de cultura nas ciências sociais. Didaticamente<sup>2</sup>, ele diz que, quando viajamos, queremos que os aeroportos sejam padronizados, não que a comida ou a música do lugar de destino sejam iguais às que temos em casa.

Para ele, o domínio da cultura não se cola sem lacunas às lógicas econômicas e políticas, mas também não é completamente descolado delas. Aliás, tais lógicas também são entretidas pelo



aspecto simbólico. Não se trata, pois, de escolher teórica e/ou politicamente entre autonomia e determinação. Mas o argumento tampouco propõe uma síntese diante desses pares de opostos, senão uma compreensão mais elaborada sobre as múltiplas e complexas relações entre economia, política e cultura no mundo contemporâneo.

Tal posição será sustentada contra as vertentes que afirmavam a *americanização* do mundo e o *imperialismo* cultural, ambas baseadas na ideia antropológica de *difusão cultural* (1994, p. 87; 2000, p. 169; 2006, p. 151; 2015, p. 92). Tais teses davam o tom em um momento em que se temia, com a globalização dos mercados, o pesadelo da uniformização, a homogeneização do planeta. A metáfora da McDonaldização do globo aparecia em enunciações tanto acadêmicas como ativistas, fazendo vezes de *slogans* de alguns movimentos sociais anti-globalistas. Não é gratuita, portanto, a escolha de Ortiz por tomar o *consumo* e, em especial, o consumo alimentar, para pensar as dinâmicas de mundialização da cultura. A tarefa era a de mostrar que não havia propriamente uma oposição entre homogeneização e diversificação. Ao conformar uma espécie de “senso-comum planetário”, tal oposição deixava escapar as complexidades das relações entre globalização e diversidade.

Assim, Ortiz apresenta uma perspectiva sobre como pensar as dinâmicas culturais na mundialização que não denuncia uma hecatombe da homogeneização cultural, nem glorifica um

auspicioso mundo do pluralismo das diversidades. Trata-se de uma abordagem bastante elaborada, que não vê o mundo como um grande McDonalds, nem como um colorido caleidoscópio. Nas palavras do autor,

[...] o mundo dificilmente poderia ser visto como um caleidoscópio – metáfora frequente em vários autores. Instrumento que combina fragmentos coloridos de maneira arbitrária em função do deslocamento do olho do observador. As interações entre as diversidades não são arbitrárias. Elas se organizam de acordo com as relações de força manifestas nas situações históricas. Existe ordem e hierarquia. Se as diferenças são socialmente produzidas, isso significa que à revelia de seus sentidos simbólicos elas serão marcadas pelos interesses e conflitos definidos fora de seu círculo interno. A diversidade cultural é diferente e desigual porque as instâncias e instituições que as constroem possuem distintas posições de poder e legitimidade. (1999, p.169).

Para ele, a globalização se realiza através da diferenciação. De forma aparentemente paradoxal, o mercado - uma instância central do contexto contemporâneo - se globaliza justamente alimentando-se das diferenças, transformando-as em valor simbólico e econômico, tal como apontado também em pesquisas que desenvolveram essa perspectiva (NICOLAU NETTO, 2014; MICHETTI, 2015, 2017).

Em trabalhos posteriores, Ortiz desenvolveria a ideia, mostrando como, diante de uma “mudança de humor dos tempos” (2007), “a diversidade se tornou um valor universal” e esse oxímoro seria um “emblema” das contradições da modernidade-mundo



(2015). Não estamos diante de uma antinomia, mas de uma contradição própria à atualidade, pois é justamente na situação de globalização que a diversidade ganha conotação positiva. O mito bíblico de Babel é recorrentemente empregado pelo autor para ilustrar essa mudança de inflexão (2007, 2008, 2015). Ao invés do castigo divino da confusão das línguas, temos a diversidade linguística como patrimônio a ser resguardado. É na conjuntura de consolidação da supremacia mundial do inglês que a Unesco lança manifestos de proteção e promoção da diversidade cultural e linguística do planeta.

Antes de encadearmos o próximo assunto, é interessante destacar que os debates teóricos em face dos quais o autor avança seus argumentos são indispensáveis, mas estes são construídos a partir de uma apreensão das objetividades do presente. Além de “exemplos heurísticos”, que antes baseiam do que ilustram suas reflexões, a esfera do mercado é recorrentemente tomada como *locus* empírico e a literatura proveniente de áreas como administração de empresas e marketing é tomada frequentemente como *corpus* de análise. A propósito, embora não se dedique manifestamente à sociologia econômica, ele nos alerta de que, no funcionamento dos mercados, os reinos econômico e simbólico se entrecruzam de formas complexas e delineiam parte considerável das feições do presente.

## Identidade e diversidade: da nação à modernidade-mundo

A problemática da identidade é um fio de continuidade entre as obras de Ortiz sobre o Brasil e seus trabalhos sobre globalização. Partindo de uma base antropológica, ele o reelabora sociologicamente ao longo de suas obras, atualizando-o de forma a nos legar uma boa definição para trabalhar a questão no contexto contemporâneo. O livro publicado em 1985 começa com a afirmação de que o tema da cultura brasileira e da identidade nacional constituiria “uma espécie de subsolo estrutural” entre nós. A busca constante por uma identidade nacional seria tanto mais vigorosa entre nós por sermos um “país do chamado Terceiro Mundo”, para o qual a pergunta por quem somos se colocaria “a partir da própria posição dominada em que nos encontramos no sistema internacional” (1985, p.7). A ligação entre construções identitárias e relações de poder está claramente colocada em seus textos sobre o Brasil e será particularmente útil nos escritos sobre globalização.

O terceiro capítulo de *Um outro território* é inteiramente dedicado à questão. Nele, Ortiz continua sua busca por escapar ao que considera uma “visão essencialista do social”, ou seja, à “obsessão ontológica” em suas versões filosófica e antropológica, que acometeria de Hegel ao culturalismo americano, passando





mesmo por Franz Fanon (1999, p.76; 2015, p.89). Para a empreitada, ele retoma a seguinte “sugestão de Lévi-Strauss”: “A identidade é uma espécie de lugar virtual, o qual nos é indispensável para nos referirmos e explicarmos um certo número de coisas, mas que não possui, na verdade, um existência real” (LÉVI-STRAUSS, apud ORTIZ, 1999, p.79). E a partir dela, afirma que

A ideia de virtualidade [...] descola o olhar analítico da configuração do Ser, de seu caráter, para fixá-lo nos aspectos relacionais do problema que enfrentamos. Posso, então, avançar uma definição preliminar de como trabalhar a identidade: uma construção simbólica que se faz em relação a um referente. Os referentes podem variar de natureza [...]. No entanto, em qualquer caso a identidade é fruto de uma construção simbólica que os tem como marcos referenciais. A rigor, faz pouco sentido buscar a existência de ‘uma’ identidade; seria mais correto pensá-la na sua interação com outras identidades, construídas segundo outros pontos de vista. Dentro dessa perspectiva, a oposição entre ‘autenticidade’ e ‘inautenticidade’ torna-se uma conceituação inadequada. Desde que socialmente convincente, isto é, socialmente plausível, uma identidade é válida, o que não significa que seja ‘verdadeira’ ou ‘falsa’. Por outro lado, ao dizer que ela é uma construção simbólica, estou afirmando que ela é produto da história dos homens. Isso me permite indagar sobre os artífices dessa construção, os diferentes grupos sociais que a portam, os interesses que ocultam, as relações sociais que prescrevem. Posso então operar com o quadro no qual coexiste um conjunto de identidade em concorrência e conflito. Toda a luta pela definição do que seria sua autenticidade é, na verdade, uma forma de se esboçar as feições de um determinado tipo de legitimidade (1999, p.79-80).

Portanto, ele toma essa obstinação pela autenticidade como objeto de análise. Às Ciências Sociais caberia compreender as construções e dinâmicas identitárias, não verificar sua autenticidade. No livro sobre o Japão, tal discussão aparece como um “falso problema”:

Uma identidade é sempre uma construção simbólica que se faz em relação a um referente. Os referentes podem certamente variar, eles são múltiplos: cultura, etnia, nação, cor, gênero. Mas sua existência não deve ser tomada como uma substância, um ‘ser’ ontológico, ela serve apenas como baliza para a definição de territorialidades particulares. Neste sentido, a discussão sobre a autenticidade ou inautenticidade das identidades é um falso problema. Desde que convincente, isto é, socialmente plausível, uma identidade é sempre válida, o que não significa que seja ‘verdadeira’ ou ‘falsa’. Dizer que a identidade é uma construção simbólica nos permite ainda indagar sobre seus artífices, como elas são construídas, a que interesses se vinculam (2000, p.65).

As críticas do autor ao relativismo cultural presente na Antropologia Cultural norte-americana o acompanham na espécie de passagem que ele realiza do tema da identidade, presente centralmente nos trabalhos sobre Brasil e nos primeiros trabalhos sobre mundialização, para a discussão sobre pluralismo, multiculturalismo e diversidade, que ganha vulto nos trabalhos mais recentes sobre modernidade-mundo.

Logo no primeiro capítulo de *Universalismo e Diversidade* lê-se:



[...] apesar de as próprias diferenças serem diferentes entre si, não devemos pensá-las como uma essência: toda diferença é produzida socialmente, sendo portadora de um sentido histórico. O relativismo é uma visão que pressupõe a abstração das culturas de suas condições reais, tem-se a ilusão de que cada uma delas seria inteiramente autocentrada. Esse estatuto, postulado pelo raciocínio metodológico, é negado pela história. As sociedades são relacionais, mas não relativas. (2015, p.31).

Ao afirmar que toda diferença é produzida socialmente, Ortiz pretende distingui-la da ideia de pluralismo, pois o equacionamento entre os dois termos, diferença e pluralismo, teria muito de ideológico, já que nele “se esquece de dizer que o pluralismo hierarquizado organiza as diferenças segundo relações de força”. Diante disso, o autor refuta novamente, quase duas décadas depois de tê-lo feito em “Um outro território”, a imagem de um mundo caleidoscópico:

O retrato de um mundo multicultural, formado por um conjunto de ‘vozes’ distintas, é idealizado e falso. Dificilmente poderíamos percebê-lo como um caleidoscópico, imagem frequentemente utilizada na sua descrição; instrumento que combinaria os fragmentos coloridos de maneira fortuita, em função do deslocamento do olhar do observador. As interações entre as diversidades nada têm de arbitrarias. Elas exprimem os conflitos manifestos nas situações históricas concretas (países fortes versus fracos; transnacionais versus governos nacionais; civilização ‘ocidental’ versus mundo islâmico; Estado nacional versus grupos indígenas). Como corolário desse argumento, pode-se dizer que as diferenças também escondem relações de poder. Assim, o racismo afirma a particularidade das raças, para em seguida ordená-las

segundo uma escala de valor. Por isso, é importante compreender os momentos em que o discurso sobre a diversidade oculta questões como a desigualdade - sobretudo diante da insofismável assimetria entre países, classes sociais e etnias (2015, p.33).

A visada relativista, ao pensar a diversidade cultural em sua suposta unicidade, terminaria por “apreendê-la como uma essência dotada de uma materialidade insuspeita”. Seria uma “ilusão” pensar “cada entidade como um mundo em miniatura, idiossincrasia independente do contexto no qual ela se enraíza. As sociedades não existem apenas em si, mas sempre em situação”. Contudo, pondera Ortiz, a inteireza ou autonomia que essa concepção atribui a cada “cultura” não se sustenta quando imersa nas “contradições reais da história”, nas quais “o particular é sempre tensionado pelo contexto no qual se insere” (2015, p.107). Nessa direção,

A situação de globalização redefine as partes, das sociedades ‘tribais’ às nações industrializadas. Nesse sentido, não há como escapar à sua dimensão comum. Não se trata de uma escolha ou de uma visão etnocêntrica do mundo: o processo é mundial, penetra e atravessa as diferenças sociais e culturais a despeito de suas especificidades. As questões comuns, gerais, não decorrem necessariamente de uma filosofia universalista, mas existem porque as diferentes sociedades estão situadas numa teia de relações de força (são subalternas ou dominantes) que as transcendem e as determinam [...] (2015, p.107).

Assim, a recolocar a discussão sobre a diversidade cultural em outro patamar, a perspectiva de Ortiz ajuda também a pensar relacionalmente o local e o global e as (re)definições recíprocas, mas desiguais, das *escalas simbólicas* da mundialização.



### Artesanato intelectual, ou sobre o caráter interminável da sociologia

Atento à dimensão simbólica da dominação, Ortiz constrói seus estudos sobre a situação de globalização tendo permanentemente em vista a dimensão do poder. Não se trata, contudo, de uma postura que se dedica a denunciar as desigualdades ou as formas de dominação; tampouco há conivência com elas. Um dos desafios que Ortiz nos lega é o de pensar *criticamente* o presente sem tomar o atalho da denúncia.

Outro deles radica em evitar o pensamento dualista. Várias de suas obras têm como títulos pares conectados entre si por uma conjunção: *Mundialização e Cultura, O próximo e o distante, Universalismo e diversidade...* O que se encontra nelas não é uma fixação pelo raciocínio binário. Ao invés de enxergar antinomias, ele busca as relações e contradições que configuram o nosso tempo. Esse parece já ser um lugar comum das Ciências Sociais, mas a obra de Ortiz nos impele a levá-lo a sério em dois sentidos.

O primeiro deriva da forma como o autor trabalha com a tradição antropológica presente em sua formação e marcante ao longo da vasta obra. Ao pensar o real relacionalmente, ele nos insta a fugir dos essencialismos em que se baseia o relativismo, o qual, por não saber lidar com as diferenças, as encapsula. “Sociedades são relacionais, mas não relativas”, estatui. Trata-se de uma via profícua de interpretação da cultura que supera o culturalismo. Desenvolvida

a fundo nos estudos sobre a mundialização, ela nos ajuda a pensar dilemas mais gerais do nosso tempo, mas se coloca também de forma especialmente relevante para as Ciências Sociais feitas no/sobre o Brasil, país cujo mito de origem é tecido com fios culturalistas.

O segundo diz respeito à forma como o autor parece entender sociologicamente a história. Avesso a concebê-la como uma sucessão de fases, rupturas, começos ou fins, ele se dispõe a pensar permanências e transformações, ou melhor, as reconfigurações de relações sociais, os reposicionamentos de fenômenos novos e antigos. Não se trata nem de uma sociologia da reprodução, nem de uma sociologia da mudança social, mas de uma abordagem que permite captar continuidades & mudanças que conformam situações nas quais as possibilidades de ação diante de condicionantes variam.

Com uma imaginação vívida, mas não afoita, Ortiz retoma com frequência a imagem de Wright Mills (1982) sobre o fazer intelectual como um *artesanato* e, como no livro de Bourdieu, Chamboredon e Passeron (2004), costuma usar a expressão *ofício* para se referir às Ciências Sociais. Coerente com isso, ele nos oferece um tipo de pensamento prolífero, que já lhe permitiu construir uma *obra* no sentido forte do termo, mas que não se dá ao luxo de se completar ou se dar por satisfeito, porque se faz a partir de empirias que desenham o presente histórico.



### Referências Bibliográficas

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. *Ofício de Sociólogo. Metodologia da Pesquisa na Sociologia*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2004.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas. Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2003.

IANNI, Octavio. *A Sociedade Global*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1992.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos Meios às Mediações. Comunicação, Cultura e Hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

MICHETTI, Miqueli. *Moda Brasileira e Mundialização*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2015.

MICHETTI, Miqueli. O discurso da diversidade no universo corporativo: “institutos” empresariais de cultura e a conversão de capital econômico em poder político. *Contemporânea*, v. 7, n. 1 p. 119-146, Jan.–Jun. 2017.

NICOLAU NETTO, Michel. *O Discurso da Diversidade e a World Music*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2014.

ORTIZ, Renato. *A Diversidade de Sotaques: (o Inglês e as Ciências Sociais)*. São Paulo: Brasiliense, 2008.

ORTIZ, Renato. *A Moderna Tradição Brasileira: cultura brasileira e indústria cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

ORTIZ, Renato. *A Morte Branca do Feiticeiro Negro: umbanda e sociedade brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1978.

ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ORTIZ, Renato. *Mundialização e Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ORTIZ, Renato. Mundialization/Globalization. *Theory, Culture and Society*. v.23, n. 2-3, 2006b.

ORTIZ, Renato. *Mundialização: saberes e crenças*. São Paulo: Brasiliense, 2006a.

ORTIZ, Renato. *O Próximo e o Distante: Japão e modernidade-mundo*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

ORTIZ, Renato. *Românticos e Folcloristas: cultura popular*. São Paulo: Olho d'Água, s/d.

ORTIZ, Renato. *Trajetos e Memórias*. São Paulo: Brasiliense: 2010.

ORTIZ, Renato. *Um Outro Território: ensaios sobre a mundialização*. São Paulo: Olho d'Água, 1999.

ORTIZ, Renato. *Universalismo e diversidade: contradições da modernidade-mundo*. São Paulo: Boitempo, 2015.

SANTOS, Milton. *Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico-científico Informacional*. 4ed. São Paulo: Hucitec, 1994.

SASSEN, Saskia. *The Global City. New York, London, Tokyo*. Princeton/New Jersey: Princeton University Press, 1991.

WRIGHT MILLS, Charles. *A imaginação Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.